

A arte de ensinar

Especialistas dizem que não é possível aprender se não houver paixão

Marcia Cazimbra

Sem uma intensa relação afetiva, apaixonada e apaixonante, de erotismo, sedução e amor entre a criança e seu formador — seja ele a mãe, o pai ou o professor — não é possível educar alguém. Ou seja, sem paixão, não se pode ensinar e tampouco aprender coisa alguma. Esta é a tese — polêmica, claro! — da psicanalista e professora-pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação da USP e da UFMG Marcia Neder Bacha, que acaba de lançá-la em dois livros. O primeiro "A arte de formar" (Editora Vozes) é o resultado de seu trabalho de formação de professores na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O segundo é uma reedição do esgotado "Psicanálise & Educação — Lagos refletidos" (Casa do Psicólogo), que será relançado este mês pela mesma editora. O livro é resultado de sua tese de doutorado defendida na PUC-SP sob orientação do psicanalista Renato Meznan e hoje bibliografia básica de cursos de mestrado e doutorado em educação e psicologia da USP.

Em "A arte de formar", Marcia Neder Bacha prova — e provoca — que sem um jogo mágico de sedução, fascínio, o apelo e a compreensão para percorrerlo, permite ao aluno que descobre a si mesmo e o mundo.

— A formação é isso: cultura, cultivo, cultivar, iniciar o outro. A alteridade é essencial numa formação. E é exatamente a esta alteridade que o termo paixão remete. A paixão é o sinal da nossa dependência em relação a outro. Assim, só é possível aprender, criar e crescer — diferentemente de repetir como um papagalho — num contato

MARILENA CIAIÚ:

Um exemplo de professora apaixonada e sedutora, segundo o psicanalista Renato Meznan



apaixonado e apaixonante com o outro, o formador — diz Marcia.

Para Marcia Neder Bacha, o formador (mãe, pai, professor ou qualquer outro iniciador) tem uma dimensão sedutora, inicitória. Ele seria uma espécie de Don Juan "do bem", como explica o psicanalista Renato Meznan (entrevista abaixo). Mas ele não quer só seduzir. Ele ama o seu aluno-filho e quer vê-lo crescer, desenvolver e criar por si mesmo.

— Alié aqui a psicanálise veio tratando o professor e os pais de um modo muito crítico, como repressores ou castradores. Mesmo agora, critica-se o adulto educador porque ele está debaixo dessa posição de impor limites à criança, de reprimir. Discordo dessa tradição psicanalítica que só vê a educação como repressão, imposição de limites e castração.

Outro absurdo que Marcia denuncia é que, embora o professor seja elemento capital numa formação, a profissão é cada vez mais mal remunerada e a educação desvalorizada, transformada em atividade fabril, de produção em série de robôzinhos.

Argano

sino médio, turno da noite, escola pública, que todos os professores odiam. Ou mudaria de nome: "Com as aulas de psicologia descobri que não conseguiria nadar com esse tipo de comportamento. Concluí que não é que deveria mudar. Mudar de atitude e os alunos mudariam. Descobri que se você entrar na sala atrando, vai levar chumbo".

Mais do que o ensino de psicologia, a metodologia de Marcia Neder Bacha também fez os professores "quererem" como seres humanos. Quando a psicanalista soube, por exemplo, que as crianças pobres que não tinham dinheiro para o passeio ficavam confinadas na sala, como uma punição, enquanto as outras se divertiam, ela instigou os professores a protestarem contra essa norma "corriqueira" nas escolas públicas.

— Quando eu perguntava de onde vinham as dificuldades de aprendizagem e os problemas de indisciplina, eles diziam, obviamente, que vinha da casa, da família, do sistema, da falta de recursos. A nenhum deles ocorria dizer, de mim, da minha ação ou da minha omissão. Os professores querem uma receita para ensinar, mas o caminho é descobrir a si mesmo através do outro.

O professor de futebol de praia Paulo Pereira, há dez anos nas areias de Ipanema e Leblon, diz ter

O PROFESSOR

Marcia conquistou adolescentes com carinho e respeito

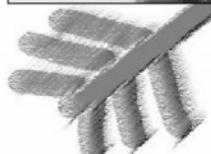


William Herzog



Fábio Saxe

ALCIENE, a professora que fascina os alunos ao levá-los com amor para o mundo da escrita



se descoberto um "psicólogo":

— Você não ensina ninguém a jogar futebol. Você dá uma orientação ou outra, mas você ensina as crianças a crescerem, a respeitarem os outros, a serem gente. Isso eu descobri quando achava que ensinava futebol.

Paulinho sabe que, se uma criança não vai na bola, está com medo e deve vencê-lo antes de ir para uma divórcia. Isso é o que mais me gratifica. Quando uma criança está fazendo muitas faltas e eu vou conversar com ela, em vez de botar de castigo, virou amigo. Ela melhora, amadurece e eu fico superimportante para ela, porque a compreendo. Isso é que gratifica.

Aliás, um dos professores que inspiraram a tese de Marcia foi o professor de judô Carlos Pavoni, da Academia Milane, de Campo Grande (MS), que formou o filho dela, Adriano, dos 6 anos, até agora, faixa roxa, aos 16.

— Fiz as fotos do ritual da mudança de faixa e foi muito emocionante ver o quanto um professor pode continuar. E o orgulho do meu filho por ter chegado lá... — conta Marcia.



Fábio Saxe

PAULINHO viveu lido das crianças ao ensiná-las, na aula de futebol, a respeitar colegas, vencer o medo e estudar